

Coleção EPOPEIA DA VIDA — Livreto F-3

# LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI



CHICO DO MAR  
A GAIVOTA REJEITADA

C O L E Ç Ã O  
EPOPEIA DA VIDA  
1a. EDIÇÃO

LIVRETO F3

2000 exemplares

RIO, 1980

1945

1975



RAIMUNDO SANTA HELENA, O Poeta Marinheiro

Poemas do autor, registrados na Biblioteca Nacional, à disposição do público na Cooperativa de Cordel (COCERJ), Feira Nordestina, Campo de São Cristóvão, Rio e alhures:

A4: Seios Nus, Botafogozando, Cacôfatos e Canção Nordestina.

B5: Filhinhos de Super-Mães, Skylab, Racismo, Canção do Vaqueiro e To be Happy or Miserable.

C1: Adeus, Gilson Amado!

D5: Devastar o Brasil?... Aqui Pra vocês!, Mulher Ultrajada, A Fuga, Vícios e Feira de São Cristóvão.

E5: Senhor do Bonfim, Brizola Não Querer Índios, Retirantes, Criança, Passarinho, Floresta e Favela Colorida.

F3: Lampião e o Sangue de Meu Pai, Chico do Mar e A Gaiivota Rejeitada.

TOTAL: 23 títulos e 20.000 exemplares.

PEDIDOS: RAIMUNDO SANTA HELENA, Editora "GED" Rua Eduardo Prado nº13-A- São Cristóvão -CEP 20940-tel:2842098 Rio(RJ).

## LAMPIÃO E O SANGUE DE MEU PAI

Em São João do Rio de Peixe,  
 Hoje "Antenor Navarro",  
 No sertão da Paraíba,  
 Vinte e sete era o ano,  
 Um padre, que era prefeito,  
 Não tremia sob o cano -  
 Recusou a Lampião,  
 Jabã, farinha e feijão...

Padre Sã era bondoso,  
 Trabalhador, bom cristão,  
 Não temia os perigos -  
 Eram muitos seus amigos,  
 Um deles, o mais chegado,  
 Um mulato delegado,  
 Lã de "Canto do Feijão",  
 Estrema com o Ceará...

Lampião, que se escondia  
 Na Serra do Catolé,  
 Manda dizer ao prefeito:  
 "Amanhã, padre sovina,  
 Vou mijar na sua batina,  
 E queimar toda a cidade -  
 Vocês não deram comida,  
 Mas vamos tomar no peito..."

---

Ad. 8 - Num ato de heresia,  
 (1) Deputado Federal,  
 (1980) Diz: "Conversa e poesia  
 Não constroem..." Alô Mobral!

Cordel- Lampião e o Sangue de Meu Pai-2

O padre Sã, cauteloso,  
Tinha Deus no coração,  
Mas bota arma na mão,  
Manda chamar o delegado,  
Mestre Raimundo Luiz,  
Como era conhecido,  
Pois chefiava os cassacos,  
Por todos era querido...

O recado vai de trole,  
Dois homens com duas varas,  
E em Canto do Feijão,  
Meu pai está na novena,  
Num casebre (onde depois,  
Vendendo feijão com arroz,  
Construiu uma capela,  
Hoje igreja "SANTA HELENA")...

Papai rezando baixinho,  
De joelhos, de mãos postas,  
Ouve a notícia de costas,  
E pula que nem um gato,  
E saindo em disparada,  
Pega armas, munição,  
Cheirando a mulher amada,  
E se vai pra São João...

---

(2) Se o Congresso é a voz do povo,  
Como não vai conversar?  
Se a galinha põe um ovo,  
Por que não cacarejá?

Quando chega na cidade,  
O padre está lhe esperando,  
Com vários homens valentes -  
Papai logo vai gritando:  
"Organizem quatro frentes,  
Com armas, pedras, madeiras,  
E façamos as trincheiras  
Com sacas de algodão..."

"Felizmente o Rio do Peixe,  
Atravessar ninguém pode:  
Nem carneiro, porco ou bode,  
Nem cabra de Lampião.  
Quero tudo numa hora -  
S'eles falaram "amanhã",  
Juro por Deus e o Satã,  
Queles já tão vindo agora!"

E foi o que ocorreu:  
Tão logo se preveniram,  
Com as sacas, já deitados,  
A cavalo os bandidos  
Foram cercando a cidade,  
Mas comeram chumbo e balas  
Dos homens, bem escondidos,  
Ou nas sacas, ou nas valas...

---

(3) Ser poeta é lenitivo,  
Poesia é inspiração,  
Encanto, graça, atrativo,  
É a voz do coração...

Durou pouco o tiroteio -  
Lampião, experiente,  
Percebeu a armadilha,  
e recuou de repente,  
Porém, deixando um recado:  
"Sei que foi o delegado  
Lã de Canto do Feijão -  
Vou matá-lo no seu chão..."

"Vou pegar aquele nego,  
Botar o macaco nu,  
Banhar na lama de um rego,  
Pregar num mandacaru,  
Arrancar unha por unha,  
Perfurar olho por olho,  
E vou cortar de uma vez,  
Toda a sua vergonhez..."

"E ele não vai fugir,  
Porque é homem orgulhoso,  
Tem fama de valentão,  
Feiticeiro, e é teimoso.  
É também o fundador  
Lã de Canto do Feijão,  
Mas é um homem de cor,  
Casado com branca azeda..."

---

(4) O Deputado falou,  
Neste mês de fevereiro -  
De partido ele mudou,  
Foi cantar noutra terreiro...

" E preto quando não faz  
Na chegada, é porque,  
Vai fazer mais na saída,  
E mesmo o seu cartaz  
De guerreiro invencível,  
É por causa da medalha  
Dessa Santa Aparecida,  
Padroeira do Brasil..."

"Mas nisso eu vou dar um jeito -  
Sei que uma vez ao ano,  
A medalha sai do peito,  
Pro seu vigário benzer,  
No mês de junho (parece);  
Quanto ao dia, vou saber -  
É nove, se não me engano,  
Do Satanás, levo prece..."

"Vou matar sua mulher,  
Na ponta de minha faca,  
A não ser que Jararaca  
Inda seja amigo dela.  
Mas vou levar a Mocinha,  
Qu'ê filha de criação -  
Uma jovem, virgem e bela,  
A mais linda do sertão!..."

---

(5) Quem fala, usa palavra,  
Usar palavra é conversa;  
O silêncio não se grava,  
Alma rude nunca versa...

Cordel- Lampião e o Sangue de Meu Pai-6

Mas vejam o que aconteceu:  
Ano mil e novecentos  
E vinte e sete janeiros -  
No dia nove de junho,  
Um rifle novo em punho,  
Delegado toca o sino,  
Esperando Virgolino...  
Sessenta e seis cangaceiros!

Os cabras de Lampião  
Chegaram em Santa Helena,  
O ex-Canto do Feijão,  
Papai (com mamãe gestante)  
Foi cercado num instante -  
Mocinha caiu na tara...  
Jogaram minha mãe no chão,  
E cuspiram em sua cara...

Pai, sôzinho, foi dizendo:  
"Deus do Céu, que estais me vendo,  
Jamais atirei primeiro!  
Lutarei até vencer  
Lampião, que mata e esfola!  
Eu só salvo e dou esmola...  
Deus, olhai vosso guerreiro!"  
Deus deixou papai morrer... F I M

---

(6) Me desculpe, Wilson Vargas,  
Mas sou poeta das massas -  
Tive de encher as taças,  
Com poesias amargas... F I M

Resumo da "CARTA-MADRE", de 13-6-79, assinada pela viúva, Dona Rosinha, e dirigida ao seu filho (o autor). Arq. "C-114"

"1. Lampião era racista... 3. Quando os cabras chegaram a cavalo, seu pai, ao avistar Lampião, foi em cima dele com aquela espada com que eu depois matei a quele senvergonha que queria me comer (lembra-se?). Virgulino, que já conhecia a fama do delegado, ficou por trás de um cavalo, entre a Casa de Vivenda e o quarto que era uma loja de tecidos. Ele queria pegar Raimundo Luiz vivo, mas se acovardou na hora e atirou depois... 4. "Jararaca" me salvou porque ele devia muitos favores a Raimundo Luiz, que era um homem bom e ajudava a todo mundo que estivesse doente como Jararaca esteve (ferido)... Mas a Mocinha eles levaram ... 7. Mas não se esqueça dos ceguinhos (lembra-se da ceguinha Isabel que matou a nossa fome, quando a gente só tinha café com farinha, bunda de tanajura e não de cana?... 9. Não se esqueça de desenterrar a garrafa de camomila. 10. Sua cabeça é paraibana e o corpo cearense..."

Nota do autor: A pedido de minha mãe, enquanto um de nós dois estiver vivo, o restante da "Carta-Madre" não poderá ser publicado. Depois, a família decide. (O AUTOR).

F I M

CHICO DO MAR

Francisco Pereira Lima,  
Natural da Paraíba,  
Cabra macho, cabra fibra,  
Mata cobra, pisa em cima,  
Jangadeiro idealista,  
Por amor à Terra e à Noiva:  
Navegador recordista...

Dezembro, setenta e sete,  
Dia onze, era domingo,  
"Chico Buchudo" sorrindo,  
Amolando o canivete,  
Tripulou sua jangada,  
Saindo de João Pessoa,  
Só ele, Deus e mais nada...

"Vou ao Rio de Janeiro",  
Disse o Chico, peito erguido.  
"Meu orgulho está ferido -  
Daqui nenhum jangadeiro  
Sozinho cruzou o mar,  
No sol e na escurdião,  
No silêncio do luar..."

Levou cento e treze dias,  
Enfrentando tubarões,  
Tempestades, vagalhões...  
As estrelas como guias,  
Por amor à Paraíba,  
À Dalva Gomes da Silva,  
Sua vela sempre em riba...

Sô comia peixe cru,  
Bebia água salgada,  
No mar não via boiada,  
No céu não via urubu...  
Naufragou, mas não foi nada!  
Transferiu sua barriga,  
Agora é o "Chico Jangada"...

Navegador solitário,  
Recordista universal,  
Chico é o segundo Cabral -  
"Todo mundo é solidário,  
Ivan Bichara (Excelência),  
Adrião Pires Bezerra,  
Nestor Rolim e a Imprensa..."

Mas tudo ficou na boca!  
Jogado num avião,  
De volta, diz em voz rouca:  
"Sou herói, nacional,  
Voltando à terra natal,  
Sem jangada, nem tostão..."  
Pobre "Chico Solidão"!

"Chico do Mar" vai ser pai -  
Descobriu a estrela D'Alva,  
Mas quando casar se salva...  
Santa Helena, perdoai!  
Adeus Chico, homem-raça!  
Neste mar de ingratidões,  
O poeta te abraça... ..

## A GAIVOTA REJEITADA (Rio, 1980)

Eu, criança, lá na roça,  
Para nós, a extensão  
Terminava no horizonte -  
Sempre foi idéia nossa:  
Pra baixo, só tinha o chão,  
Céu em riba, ao lado o monte...  
Não conhecia os tiranos!  
Mais tarde o estudo me espanta:  
Eu li, que a cigarra canta,  
Soprando através do ânus...

Meu Cordel é corrigido,  
Mas foi eu quem corrigiu -  
Mudei em quarenta anos,  
Fui ficando mais "sabido",  
Meu saber "evoluiu",  
Ao lado dos desenganos!  
Meu dizer é mais correto,  
Minha escrita é mais segura,  
Minha tristeza não tem cura,  
Meu prazer é incompleto...

Quase duzentos poemas,  
Pari neste tempo longo,  
Mas só agora divulgo,  
Ao quebrar minhas algemas,  
É quase ao soar do gongo...  
Mesmo assim eu não me julgo  
Mais livre que o passarinho,  
Quando ganha a liberdade -  
Espaço e dificuldade,  
Pra construir novo ninho...

Se uso graveto antigo,  
Casca, capim, algodão,  
Folha seca ou embira,  
Pra construir meu abrigo,  
Lá me vem o azulão,  
Dizer que tudo é mentira -  
Outros começam a cantar,  
Babacando o companheiro,  
Me chamam de marinheiro,  
Me mandam voltar pro mar...

Se uso linha de pipa  
E papel de rabiola,  
Ou náilon, seda, tergal,  
Barbante, farpas de ripa -  
Como outrora, na gaiola,  
Chamam o meu ninho jirau,  
E me xingam de canastra -  
Muitas pedras contra mim,  
E neste clima ruim,  
Só o Amigo não me castra...

Porém, se não faço nada,  
Pra não crescer minha ruga,  
E me deito no vazio,  
Lá me vem a passarada,  
Como se fosse uma fuga,  
Da bicharada no cio...  
Um dia farei meus ninhos,  
Com raça dos Santa Helenas:  
Raízes, flores e penas,  
Aqui, ali, uns espinhos... .. FIM

A seguir, BIOGRAFIA do autor (6a.edição):

## BIOGRAFIA

Fui parido em 6-4-1926 num trole rodando à vara. Minha cabeça nasceu na Paraíba e o restante no Ceará. Meu pai, RAIMUNDO LUIZ, agricultor e mestre-de-linha, fundador do município paraibano de "Santa Helena", morreu combatendo Lampião e mais 65 cangaceiros que invadiram e incendiaram a cidade em 9-6-1927 - Processo MF-0168-408 111/89, da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional. Minha mãe, Dona ROSINHA, estava grávida de 5 meses e foi maltratada pelos bandidos, que ainda tentaram matá-la.

Na 1a. punhalada defendeu-se com um ferro de engomar a carvão e na 2a. foi salva pelo "Jararaca", amigo de meu pai. Na hora do tiroteio fui camuflado com capim seco numa cacimba velha, onde uma virgem me acalentou com os seios nus. Lampião, entrincheirado por trás de um cavalo, matou meu pai à queima roupa, com um tiro na nuca e outro num dos olhos, quando viu que papai com a espada na mão era intocável.

Em 1933 mamãe vendeu 7 casas e as terras herdadas para regressar a São Luís do Maranhão, mas não pôde viajar porque o fazendeiro vizinho que lhe comprara os imóveis não pagou nenhum tostão e ainda nos expulsou de nossas propriedades a tiros - de espingarda, xingando todo mundo de filhos da puta. Juntamos os terrens às pressas e fomos morar num quarto alugado ao Antonio Rolim. Foi um momento terrível!

EPOPEIA DA VIDA - Raimundo Santa Helena-13  
Biografia

Mamãe foi ser lavadeira e os 3 filhos passamos a trabalhar de aluguel nas terras dos que foram salvos por meu pai. Fazíamos biscates a troco de comida e vendíamos qualquer coisa nos trens de passageiro que 2 vezes por semana paravam para tomar água na caixa construída pelo meu pai. Certa noite, com a mesma espada com que papai lutara contra os bandidos, a mãe, para defender a honra, matou um cabra safado através da fresta da porta.

Em 1934 minha mãe, em São João do Rio do Peixe, hoje Antenor Navarro, acompanhada pelos compadres Granjeiro e Manuê, abraçada com seus 3 filhos ajoelhou-se chorando e pediu a restituição dos imóveis, porém as autoridades não se comoveram.

Ao meio-dia de 31-12-1937, sem tostão, num velho trem de madeira fugi de casa para matar Lampião. Mas tive de trabalhar duramente no Ceará, para sobreviver e sustentar minha mãe. Em "Barbatana", perto de "José de Alencar", fui agricultor, vaqueiro e lenhador, cuja lenha era vendida em Iguatu, onde iniciei minhas atividades de cordel. Depois viajei pra Fortaleza, a pós ter me recuperado de uma fratura no queixo e de mordidas na perna direita, produzidas por um jumento-de-besta quando eu, de cima de um toco, mantinha relações sexuais com sua égua. Lá na capital eu dormia no oitão da Igreja da Sé ou nas calçadas do Mercado Municipal, comendo sobras de comida. Aos 13 anos de idade, se

Poesia de Cordel-Raimundo Santa Helena-14  
Biografia

do empregado doméstico, fui preso injustamente como ladrão. Sô depois de ser torturado na delegacia e jogado, sangrando pela boca, no chão, foi que a filha do patrão confessou que na ausência dos pais apanhara o dinheiro como empréstimo.

À noite, sem ter onde dormir, descalço e só com a roupa do corpo, vaguei a pé da Praia de Iracema até Mucuripe. Ali trabalhei na construção do quebra-mar com meu padrinho Emiliano, fui pescador na jangada do Seu Cardoso, peixeiro, camelô, caixeiro e cambista (bicheiro). Náufrago de uma jangada em alto-mar, arribei para Munguba onde trabalhei quebrando pedras para o quebra-mar de Mucuripe, mas fugi por causa de um amor platônico proibido.

Voltando a Fortaleza, fui ser empregado de pensões, vendedor ambulante, tirador-de-barato no "Curral das Éguas", trocador de ônibus, etc. Aos 15 anos de idade fui currado por 2 senhoras a quem eu entregava roupa engomada. Moravam perto do cemitério (lado do portão principal). Foi a melhor coisa que me aconteceu, pois até aquela noite eu só procurava galinhas ou peruas, cabras, cadelas, etc. e as nádegas das meninas, porque na infância me ensinaram na rua que o clitóris da mulher penetrava na uretra do pênis e doía. Desmascarada a grande mentira, descobri que a vagina humana era melhor do que tudo - que eu havia experimentado. Diariamente eu fazia sexo com aquelas santas senhoras...

Poesia de Cordel-Raimundo Santa Helena-15  
Biografia

Mas naquele período sublime da minha vida larguei tudo pra socorrer minha mãe, que passava fome em "Santa Helena", no auge da longa estiagem. Em "Olho d'Água do Melão" eu trabalhava 66 horas por semana nas frentes de trabalho do governo e andava 14 léguas semanalmente para levar comida pra mamãe. Não recebia dinheiro e sim alimentos que só podiam ser comprados no armazém cujo nome estivesse carimbado na caderneta de trabalho. Dormia em barracas de galhos secos. Meu irmão Toinho e eu ficamos no lugar dos irmãos Horácio e José Caetano dos Santos, que abandonaram sua turma declarando, apavorados, que na despenha de uma casa onde se vendiam churrasquiños, viram sacos de estopa com terra e ossada de criancinhas. Eu me lembro que troquei minha medalhinha de ouro (N.S. da Conceição) por um bife. Meu irmão mais velho (o Santo), após comer um pedaço, foi mijar nos fundos da dita casa, voltou vomitando e regressou correndo a "Santa Helena", com dor-de-cabeça. Confessou à mamãe, que vira também a ossada e um pé de criança saindo pela boca de um dos sacos.

Após aquele achado macabro, trabalhamos traumatizados alguns meses, tendo pesadelos todas as noites. Um "trabalhador especial" que ouviu nossa confissão, mandou que a gente calasse o bico para não morrer". Pensando na mamãe, calamos. Não agüentando mais, fomos tentar outras frentes de trabalho em Cajazeiras, "Antenor

Poesia de Cordel-Raimundo Santa Helena-16  
Biografia

Navarro", Filões, etc., mas não arranja -  
mos colocação. Após 2 dias de fome e com  
muita sede, bebemos lama nos brejos de um  
açude que o governo construíra na fazenda  
verdejante de um ricaço "coronel", de on-  
de roubamos uma bojudá melancia. Um homem  
forte, armado de foice, correu atrás de -  
nós. Pulamos uma cerca e subimos num ser-  
rote pedregoso. Quando o agressor já ia  
degolando o meu irmão, atirei uma grande  
pedra de cima para baixo, atingindo a cabe-  
ça do estranho, o qual desfaleceu. Imediã-  
tamente comemos a melancia com casca e tũ-  
do, só deixando um pedaço pra mamãe.

Retornando mais tarde a Fortaleza, fui  
ser baleiro de Dona Ester, com meus cole-  
gas "Dente de Ouro" e "Amarelinho" que de-  
pois morreram tirando borracha na Amazô-  
nia para os norte-americanos. Em seguida,  
com meu melhor amigo, irmão de criação, -  
"Manolo", passei a engraxar sapatos na ve-  
lha Praça do Ferreira, mas tive minha cai-  
xinha arreventada por um policial de cha-  
pêu vermelho, porque, mandando dinheiro -  
pra mamãe, eu não podia engraxar de graça  
como ele queria. Levei pontapés e caí en-  
sangüentado na sarjeta, mas consegui me  
refugiar no interior do cine Majestic, on-  
de uma senhora me encaminhou para ser ba-  
leiro da professora Carmem, na Rua Major  
Fagundes, onde, trabalhando 13 horas por  
dia e estudando à noite num galinheiro, à  
luz de lamparina, fiz provas e ingressei  
na Marinha do Brasil. Sou ex-combatente.

Poesia de Cordel-Raimundo Santa Helena  
Biografia

Quando eu fazia o último teste prático em alto-mar, do Curso de Tática Anti-Submarina, um superior me pegou rascunhando o poema "Solidão de Marinheiro", num pedaço de papel higiênico. Discretamente escondi o papel no meio de um sanduiche e fingi que estava comendo. O chefe percebeu o disfarce e mandou que eu comesse de verdade. Esperou um pouco, arrebatou o resto do sanduiche e leu o que sobrara de meus versos, dizendo: "Que vergonha para o Brasil - em plena guerra um marinheiro na hora do expediente faz versinhos de merda! Você está preso!" E no dia seguinte fui libertado pelo Comandante Alberto Jorge Carvalho, com o seguinte elogio:

"... este marujo, representando seu navio (CT Bracuiz), sendo o menos graduado de uma turma numerosa, acaba de conquistar o 1º lugar. Parabéns, meu ex-aprendiz-marinheiro; parabéns, meu jovem!" E como ironia do destino, 13 anos depois, o então almirante Alberto Jorge Carvalho, comandando o 5º Distrito Naval, em Florianópolis, entregava a este poeta incorrigível, o diploma de 1º colocado no curso de aperfeiçoamento para sargentos escreventes.

Antes, em 1946 no Rio, abandonei o Curso Rio Branco na Praça da Bandeira: Marinheiro não podia estudar aqui fora! Deixaram-me um dicionário de inglês e outro onde se dizia que o Cordel não era Literatura! Hoje o Ministro é poeta, o marujo é Dr. e o Aurélio já se conscientizou! FIM.

Adquirido por Traca - Ret. 80

1902

Poesia de Cordel

RAIMUNDO SANTA HELENA

Coleção EPOPEIA DA VIDA — Livreto F-3

# CHICO DO MAR



Ad. 9 - O amigo dá tudo, e acha que é pouco;  
recebe pouco, e acha que é tudo.

(O AUTOR)